

# A Manobra Estratégica de Hitler na Segunda Guerra Mundial

Sérgio Augusto A. Coutinho\*

*Palestra proferida em 31 de agosto de 1999 no auditório do IGHMB, Casa Histórica de Deodoro, Rio de Janeiro RJ.*

Para um simples espectador ou para um leitor que se tenha limitado à crônica da Segunda Guerra Mundial, fica a imediata constatação de que a ambição desmedida de Hitler o levou a uma aventura sem limites e de incalculáveis custos para a humanidade, buscando realizar um projeto de conquista da Europa e, com toda aparente evidência, do mundo. Depois de invadir e dominar quase todos os países europeus (por que não todos?) teve a insana pretensão de invadir a Rússia, insensatez que, finalmente, o levou ao desastre militar e à frustração do projeto visionário.

Parece ter sido assim mesmo o conflito mundial; não obstante, tudo se passou segundo um projeto lúcido e lógico, imoral e agressivo. Partia de um conceito de exclusividade nacional de uma raça cuja realização se faria por intermédio de uma política de ódio e violência. Sem constrangimentos nem escrúpulos, tal política levaria ao extermínio de outros grupos étnicos subjugados e a uma guerra deliberada de conquista, violando a soberania e a autodeterminação das

nações e provocando a morte de muitos milhões de pessoas.

Tudo isto tinha antecedentes em uma concepção ideológica desenvolvida por Hitler, em seu livro *Mein Kampf*:

*As fronteiras de 1914 nada mais significam para o futuro da nação alemã.*

*Hoje somos 80 milhões de alemães na Europa. Mas a justiça dessa política não ficará estabelecida senão quando, dentro de um simples século, 280 milhões de alemães estejam vivendo neste continente.*

*Sem dúvida, tal política territorial não pode achar, por exemplo, a sua finalidade no Camerum mas, sim, quase exclusivamente, na Europa.*

*Falando em terras, na Europa de hoje em dia, apenas podemos referir-nos, em primeira instância, à Rússia e aos Estados fronteiriços sob sua influência.*

Esse pequeno extrato revela a causa fundamental da Segunda Guerra Mundial: o projeto nacional-socialista de fazer o *Reich dos 1000 anos*. As causas históricas que são levantadas pelos estudiosos diante das claras definições ideológicas de Hitler acabam sendo, para ele mesmo, não mais do que pretextos para inflamar o mundo

\* General-de-Brigada.

em um conflito de proporções jamais vistas.

O projeto expansionista nazista na direção do Leste tinha, porém, uma pedra no caminho, uma fatalidade geográfica e histórica. Entre a Alemanha e a Rússia estava a Polônia. Assim, a consecução do objeto de Hitler dependia da conivência polonesa ou da invasão do país. Mas havia mais. A Polônia se intrometia entre a Prússia Oriental e a pátria-mãe. Portanto, a integração daquela província germânica à projetada Grande Alemanha incluía, necessariamente, a anexação da Polônia Ocidental. Hitler nem considerou solução negociada e, uma vez mais na história, a Polônia seria invadida e dividida.

Tal ato de guerra teria implicações inevitáveis, a primeira das quais seria o risco de intervenção da União Soviética, o que poderia, entretanto, ser protelado diplomaticamente. Depois, a certeza da guerra também com a França e a Grã-Bretanha, em razão de compromissos de mútua defesa existentes entre aquelas potências e a Polônia.

Hitler sabia disso e aceitou.

A realização de seu projeto político, ou melhor, ideológico, tinha, pois, duas condicionantes: primeiro, a guerra seria seu instrumento de execução, não a diplomacia, porque as exigências seriam inaceitáveis; segundo, a possibilidade da guerra em duas frentes, preocupação permanente dos militares alemães.

Dáí podemos presumir a Concepção Geral da Guerra. O objetivo político seria a conquista e anexação da Rússia e da Ucrânia, vasto território contíguo, fértil e provedor de matérias-primas, alternativa vantajosa de um império colonial em além-mar.

Para concretizar esse grandioso objetivo, os nazistas engendraram (ou Hitler engen-

drou) um monumental, coerente e perfeito conceito estratégico, que só fracassou porque, pela sua complexidade e magnitude, acabou envolvendo fatores indesejáveis, imprevisíveis e incontroláveis.

Podemos tentar reconstituir essa estratégia. Embora não tendo sido explicitamente revelado, o conceito estratégico de guerra pode ser restabelecido pela natureza e sequência dos acontecimentos bélicos e políticos, desde a entrada pacífica e atrevida de tropas alemães na Renânia, em 7 de março de 1936, até 31 de janeiro de 1943, quando os russos retomaram Stalingrado e o projeto nazista estava definitivamente comprometido.

De forma esquemática, para fácil visualização, a manobra seria a seguinte:

1. Objetivo Militar de Guerra – Destruir o poder militar soviético (aniquilamento das suas forças armadas e domínio da sua área vital).

Esse objetivo foi desesperadamente buscado, pelos alemães, nas campanhas ofensivas de 1941 e 1942.

2. Manobra Estratégica – Fazer a guerra em três fases, manobrando em linhas interiores.

- 1ª Fase – Reconstruir a Grande Alemanha, a pátria de todos os alemães (reminiscência dos territórios germânicos do antigo Santo Império Romano); todos os alemães sob um só Estado. Para isso:

- Anexar Renânia, Áustria, Tchecoslováquia e Memel, evitando ir à guerra (diplomática). Preliminarmente, tranquilizar e evitar reação da Itália (Eixo Roma-Berlim).

- Invadir e anexar a Polônia Ocidental, integrando a Prússia Oriental à Grande Alemanha, aceitando o risco de imediata intervenção da França e da Grã-Bretanha. Preli-

minarmente, assegurar a não intervenção da União Soviética (tratado de não agressão com a URSS e divisão da Polônia).

• 2ª Fase – Evitar a guerra em duas frentes. Para isso:

– Cobrir-se ao norte (Escandinávia) face à Grã-Bretanha; conquistar e manter a Dinamarca e a Noruega. Complementarmente, assegurar a neutralidade da Suécia.

– Eliminar a França e a Grã-Bretanha como potências; invadir a França através da Holanda, da Bélgica e do Luxemburgo. Ficar em condições de invadir a Grã-Bretanha ou impor-lhe a saída da guerra e assegurar a sua neutralidade.

• 3ª Fase – Conquistar o Espaço Vital no Leste. Para isso:

– Invadir a URSS; derrotar as Forças Armadas soviéticas; conquistar e anexar os territórios da Rússia Européia, da Ucrânia, do Cáucaso, da Lituânia, da Estônia e da Letônia.

– Preliminarmente, assegurar aliança milenar com a Finlândia, a Hungria, a Romênia e a Bulgária.

A concepção geral da guerra, nas duas primeiras fases, foi integral e cronometricamente realizada:

01.03.1936 – Ocupação militar na Renânia;

01.09.1936 – Criação do eixo Roma-Berlim;

12.03.1937 – *Anschluss*, anexação da Áustria;

10.10.1938 – Ocupação do território dos sudetos na Tchecoslováquia (seguiram-se a Boêmia e a Morávia e, depois, toda a Tchecoslováquia);

21.03.1939 – Anexação de Memel, às expensas da Lituânia;

23.08.1939 – Pacto de não agressão com a URSS;

29.08.1939 – Pacto de divisão da Polônia entre a Alemanha e a URSS;

01.08.1939 – Invasão da Polônia (27.09.1939, rendição de Varsóvia);

09.04.1940 – Invasão e ocupação da Dinamarca e da Noruega;

10.03.1940 – Invasão dos Países Baixos e da França;

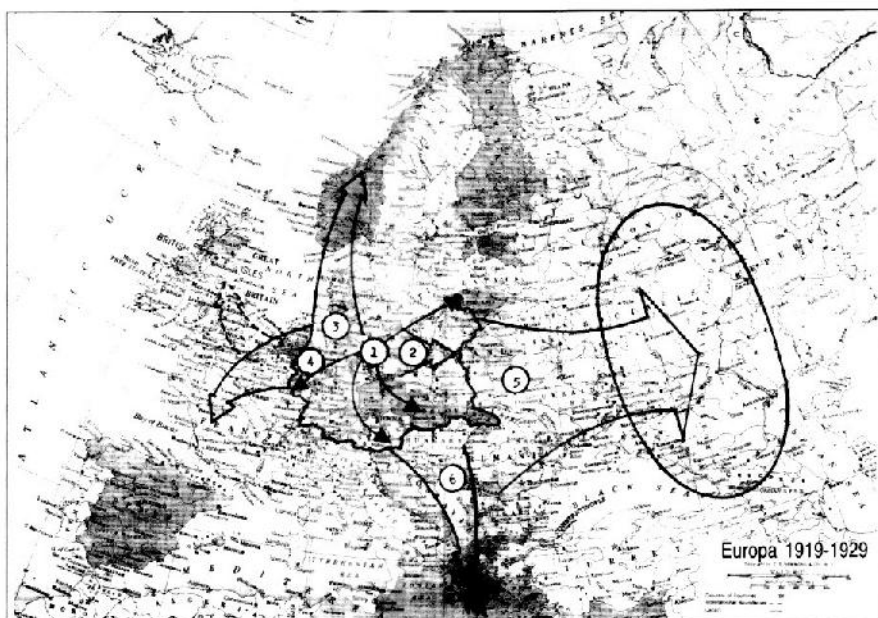
22.06.1940 – Armistício França-Alemanha.

A capitulação da França é seguida do primeiro e fatal tropeço no desenvolvimento do plano estratégico nazista: a Grã-Bretanha não foi invadida e se recusava a admitir que estaria derrotada, mesmo depois de iniciada a tremenda campanha aérea que se seguiu, como alternativa da frustrada invasão da ilha. Assim, a segunda fase da manobra estratégica restou mal resolvida. Isso obrigou Hitler a uma modificação no curso do seu plano estratégico. A terceira fase, a invasão da URSS, teve que ser antecedida por duas outras ações estratégicas:

– Fixar os britânicos com uma manobra diversionária no Norte da África, ameaçando o Egito e o Oriente Médio (fev/mar 1941, desembarque do *Afrika Korps*, em apoio aos italianos na Líbia).

– Cobrir-se ao sul (Balcãs) face aos britânicos, conquistar e ocupar a Iugoslávia e a Grécia (invasão em 06.04.1941).

Realizadas essas ações preliminares forçadas pelas circunstâncias, finalmente a terceira fase da manobra – a invasão da Rússia – é desencadeada em 22 de junho de 1941. Uma fantástica máquina de guerra entra pela Rússia a dentro, só vindo a ser parada no fim do ano, às portas de Moscou. No ano seguinte, novo e tremendo esforço vai quebrar-se na resistência dramática de Stalingrado. Embora a guerra ainda tivesse continuação, o projeto monstruoso de Hitler



já tinha fracassado à frente de Moscou e das ruínas de Stalingrado.

Simplificando, foram três as causas do malogro do visionário *Reich* de Hitler. Desde logo, a invencibilidade da Inglaterra; em seguida, a entrada dos Estados Unidos na Guerra; finalmente, a tenacidade da resistência russa.

Especulando, poderíamos fazer uma indagação: e se a concepção estratégica de Hitler tivesse dado certo?

O óbvio é que o *Reich dos 1000 anos* se teria tornado uma realidade e, provavelmente, um pesadelo. Seu território abrangeria a Grande-Alemanha (Alemanha, Prússia e as anexadas Áustria, Tchecoslováquia, Polónia e Memel, com cerca de 775.000km<sup>2</sup> – a pátria de todos os alemães –, e um vasto território colonial contíguo constante da Rússia Européia, Ucrânia, Cáucaso e Estados Bálticos (quase 5 milhões de km<sup>2</sup>).

Podemos ir um pouco mais longe na projeção, fazendo uma *futurologia do pretérito*: provavelmente França, Grã-

Bretanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca, Noruega e Grécia recuperariam sua independência por tratados de paz exigentes e semelhantes àquele de Versailes imposto à Alemanha, em 1919.

A Iugoslávia possivelmente seria dada à Itália, como compensação.

Finlândia, România, Bulgária e Hungria também teriam a sua independência, mas certamente teriam algum tipo de vinculação política e econômica ao *Reich*, que limitaria a sua soberania.

Como ponto máximo da premonição do passado que não houve, poderíamos imaginar que o mundo seria também bipolar no pós-guerra. Seria inevitável o confronto ideológico EUA x *Reich dos 1000 anos*.

Felizmente isso não se realizou. Porém, o desfecho da Segunda Guerra Mundial teve, ironicamente, algo de semelhante: emergiu a Grande Rússia com sua colônia contígua na Europa Ocidental, simetria geográfica e ideológica do *Reich* de Hitler.

